

Raciocínio e procedimentos da *Grounded Theory* Construtivista

Reasoning and procedures of the Constructivist Grounded Theory

Francisco Leite

fcolete@usp.br

Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com estágio doutoral (CAPES), na Itália, na Università degli Studi di Trento e Università di Bologna. É professor no curso de Pós-Graduação Lato Sensu de Pesquisa de Mercado em Comunicações da ECA-USP. Autor de *Publicidade contraintuitiva: inovação no uso de estereótipos na comunicação* (Curitiba, Appris, 2014).

Resumo

Este artigo, com base em uma pesquisa bibliográfica, apresenta e discute o conceito, as especificidades e o raciocínio (dedutivo, indutivo e abdutivo) da *Grounded Theory* Construtivista. Os seus procedimentos e técnicas também são considerados com a proposta de ressaltar como esta metodologia qualitativa pode apoiar investigações em Ciências da Comunicação.

Palavras-chave: *Grounded Theory* Construtivista, metodologia, Ciências da Comunicação.

Abstract

This article, based on a literature review, presents and discusses the concept, the specificity and the (deductive, inductive and abductive) reasoning of the Constructivist Grounded Theory. Its procedures and techniques are also considered with the purpose of highlighting how this qualitative methodology can support investigations in Communication Sciences.

Keywords: Constructivist Grounded Theory, methodology, Communication Sciences.

1. Introdução

A *Grounded Theory*¹ é uma metodologia qualitativa elaborada inicialmente pelo cruzamento de perspectivas teórico-filosóficas de seus fundadores, os sociólogos norte-americanos Barney Glaser (1930) e Anselm Strauss (1916-1996). A formação desses pesquisadores é bem distinta, no entanto, *a priori*, este ponto não impediu que ambos compartilhassem visões de mundo e desenvolvessem atividades acadêmicas conjuntas.

Glaser estudou na Universidade de Columbia. Ele foi aluno de Paul Lazarsfeld (reconhecido como inovador nas investigações quantitativas) e Robert K. Merton, que

propôs a construção de teorias úteis de médio alcance². Charmaz destaca que as contribuições deste autor para a *Grounded Theory* objetivaram

codificar os métodos da pesquisa qualitativa, da mesma forma que Lazarsfeld havia codificado a pesquisa quantitativa [...]. Codificar os métodos da pesquisa qualitativa acarretava especificar estratégias explícitas para a condução da pesquisa e, portanto, desmitificar o processo de pesquisa. Glaser defendeu também a elaboração de teorias úteis “de médio alcance” (2009a, p. 20).

Já Strauss formou-se pela Universidade de Chicago e, por consequência, seu capital intelectual foi fortemente

¹ Esta expressão foi traduzida para o português como “Teoria Fundamentada”; no entanto, também observaram-se outras variações menos utilizadas, como “Teoria Fundamentada nos Dados”, “Teoria Embasada”, “Teoria Emergente” ou “Teorização Enraizada”. Neste trabalho prioriza-se seguir a tendência mundial de utilizar a locução original em inglês, embora em alguns momentos a sua tradução em português possa ser utilizada.

² Essas teorias pautam-se em produzir “versões abstratas de fenômenos sociais específicos baseados em dados. Essas teorias de médio alcance contrastavam com as ‘grandes’ teorias da sociologia de meados do século [XX], as quais vasculharam as sociedades, mas não se baseavam em dados sistematicamente analisados” (Charmaz, 2009a, p. 20-21).

influenciado pela celebrada Escola de Chicago, reconhecida como referência da pesquisa qualitativa orientada pelos vieses interacionistas e pragmáticos. Assim, durante sua vida acadêmica, Strauss teve “suas ideias [...] inspiradas por homens como Park (1967), Thomas (1966), Dewey (1922), Mead (1934), Hughes (1971) e Blumer (1969)” (Strauss e Corbin, 2008, p. 22).

A sua contribuição à metodologia em foco, em síntese, pautou-se por “noções da atividade humana, dos processos emergentes, das significações sociais e subjetivas, das práticas da solução de problemas e do estudo irrestrito da ação” (Charmaz, 2009a, p. 21). Essas ideias refletem os pressupostos do interacionismo simbólico de Mead (1934 [1982]) e Blumer (1969), que Strauss adotou durante o seu curso de doutoramento na Universidade de Chicago sob a orientação de Herbert Blumer (Stern, 2009, p. 23).

Pontua-se que não é intenção deste trabalho, pautado na construção de levantamento bibliográfico, apresentar um resgate histórico profundo sobre os desdobramentos da *Grounded Theory*, tendo em vista que outros trabalhos já o fizeram competentemente (Strauss e Corbin, 2008; Bryant e Charmaz, 2007; Charmaz, 2009a; Morse, 2009; Tarozzi, 2011; etc.). O que se propõe é situar o leitor, de modo prático, sobre a sua origem e definição direcionando-o para entender o seu raciocínio e como os seus procedimentos metodológicos e técnicas podem auxiliar para consubstanciar os objetivos de investigações em Ciências da Comunicação.

Retornando às discussões sobre a origem da *Grounded Theory*, a primeira publicação – considerada clássica – que apresentou as diretrizes desta proposta metodológica foi a obra *The Discovery of Grounded Theory*, de Glaser e Strauss, em 1967³. Na sua introdução, os autores apresentaram a seguinte definição⁴: “A *Grounded Theory* é um método geral de análise comparativa [...] e um conjunto de procedimentos capazes de gerar [sistematicamente] uma teoria fundada nos dados” (Glaser e Strauss, 1967, *apud* Tarozzi, 2011, p. 17).

3 Anteriormente a essa publicação, os autores já tinham esboçado algumas diretrizes metodológicas no artigo conjunto “Discovery of Substantive Theory: A Basic Strategy for Qualitative Analysis” (1965) e, especificamente Glaser, no artigo “The Constant Comparative Method of Qualitative Analysis” (1965). Bryant e Charmaz (2007, p. 7) elucidam que esses artigos forneceram muito do trabalho fundamental contemplado em *Discovery of Grounded Theory* quando lançado em 1967.

4 Ressalta-se que as reflexões deste trabalho acompanham a orientação de Tarozzi, que define a *Grounded Theory* “fundamentalmente como uma metodologia que contém várias indicações de procedimentos, as quais, porém, assumem diversas declinações, segundo a escola e os autores interessados” (Tarozzi, 2011, p. 18). A importância de demarcar tal posição busca posicionar este trabalho frente às discussões na literatura de autores que associam a *Grounded Theory* com um método e outros com uma metodologia de pesquisa. Ver essa discussão em Tarozzi (2011) e Bryant e Charmaz (2007).

A edificação desta metodologia procurava combater a forte linha positivista predominante nas pesquisas científicas nos idos de 1960. Neste período, observava-se o enfraquecimento e a perda de espaço das pesquisas qualitativas, especialmente na sociologia, frente aos sofisticados métodos quantitativos pautados pelo positivismo, “paradigma dominante de investigação de uso geral nas ciências naturais” (Charmaz, 2009a, p. 18).

Nas palavras de Giampietro Gobo (2005), destacadas por Massimiliano Tarozzi, a obra “*The Discovery of Grounded Theory*, que tem como subtítulo *Strategies for Qualitative Research*, é ‘comumente reconhecida como a primeira contribuição articulada de metodologia qualitativa’” (Tarozzi, 2011, p. 41). Contudo, os seus fundadores, especialmente Glaser, não desconsideravam as diretrizes quantitativas do paradigma positivista; pelo contrário, estimulavam a combinação dos métodos para fortalecer e ampliar a compreensão dos objetos de investigação.

O fazer da *Grounded Theory* é estabelecido, *a priori*, segundo os seus autores (Glaser e Strauss, 1967; Glaser, 1978; Strauss, 1987), por determinados elementos que abarcam as seguintes práticas elencadas por Kathy Charmaz (2009a, p.19), a saber:

- O envolvimento simultâneo na coleta e na análise dos dados.
- A construção de códigos e categorias analíticas a partir dos dados e não de hipóteses preconcebidas e logicamente deduzidas.
- A utilização de método comparativo constante, que compreende a elaboração de comparações durante cada etapa de análise.
- O avanço no desenvolvimento da teoria em cada passo da coleta e da análise dos dados.
- A redação de memorandos para elaborar categorias, especificar as suas propriedades, determinar relações entre as categorias e identificar lacunas.
- A amostragem dirigida à construção da teoria, e não visando a representação populacional.
- A realização da revisão bibliográfica após o desenvolvimento de uma análise independente.

Este último tópico é considerado um dos mais polêmicos na aplicação da metodologia e será abordado com mais atenção *a posteriori*. Contudo, antecipadamente, cabe ressaltar que na visão inicial dos autores, especialmente na de Glaser, o objetivo da postergação da revisão bibliográfica seria evitar que os investigadores “percebessem o mundo pela lente das ideias existentes” (Charmaz, 2009a, p. 19). Após a publicação de 1967, Strauss manifestou em seus trabalhos seguintes que não existia um consenso com Glaser em relação a esta e outras questões.

Posto isto, diante desses esclarecimentos iniciais, neste ponto, é pertinente resgatar o conceito de teoria substantiva implícito na prática e nos desdobramentos da

Grounded Theory. Na realidade, o produto desta metodologia qualitativa em destaque é a produção de teorias substantivas. No entanto, antes, cabe também esclarecer que existe uma confusão registrada na literatura sobre o uso adequado do termo *Grounded Theory*. Em linhas gerais, esta dissonância residiria principalmente no entendimento se o termo denotaria o caminho metodológico ou o resultado obtido pela aplicação da metodologia.

Rigorosamente falando, uma Grounded Theory é exatamente isto: Uma teoria que resultou do uso da [Metodologia] Grounded Theory (MGT). Em linguagem comum, contudo, o termo refere-se [à metodologia] em si [...]. Já o termo Grounded Theory (GT) então se refere ao resultado do uso [dessa metodologia]. Grounded Theory [...], ressoa ambos os significados: [a metodologia] e a teoria resultante (Bryant e Charmaz, 2007, p. 3, tradução nossa).

Portanto, o termo *Grounded Theory* deve ser reconhecido como metodologia de pesquisa qualitativa, ou seja, metodologia *Grounded Theory* (MGT), e como resultado de sua aplicação espera-se obter a construção de uma *Grounded Theory* (GT) acerca de um determinado processo social ou psicossocial. Mas, enfim, que tipo de teoria é esta proposta por essa metodologia?

Glaser e Strauss (1967, p. 32-33) pontuaram a existência de duas principais tipologias de teorias: as formais e as substantivas. As primeiras seriam compostas pelo que eles denominam de grandes teorias, vistas como formais e abrangentes, enquanto o segundo tipo se refere às explicações para situações cotidianas, “que explicariam melhor as áreas específicas da pesquisa empírica já que essas teorias nasceriam diretamente de dados do mundo real” (Hutchinson, 1988 *apud* Bianchi e Ikeda, 2008, p. 233).

A teoria substantiva é uma conexão estratégica na formulação e produção da Grounded Theory. Acreditamos que, embora a teoria formal possa ser produzida diretamente de dados, é mais desejável e geralmente inevitável que ela se inicie de uma teoria substantiva. Esta última não só fornece estímulo para uma “boa ideia”, mas também dá uma direção inicial no desenvolvimento de propriedades e categorias relevantes e na escolha de possíveis formas de integração (Glaser e Strauss, 1967, p. 79, tradução nossa).

Neste sentido, Pinto e Santos também elucidam os propósitos da construção de teorias substantivas pela *Grounded Theory*, indicando que essas são especialmente relevantes, pois tratam de processos sociais escassamente explorados pelas teorias formais existentes. “Esse tipo de teoria se encaixa e funciona bem porque é construída com

conceitos e categorias que emergem a partir dos termos que os próprios agentes sociais usam para interpretar e organizar o seu mundo” (Pinto e Santos, 2012, p. 420).

Após a clássica publicação que apresentou a *Grounded Theory* em 1967, nos anos posteriores Glaser e Strauss direcionaram as suas perspectivas teóricas sobre a metodologia de maneiras distintas. Glaser continuou defendendo os princípios fundantes da metodologia. Dessa maneira, ele a identificou como “um método de descoberta e tratou as categorias, produzidas mediante a sua aplicação, como algo cujo surgimento se dava a partir dos dados. Baseou-se para tanto no empirismo objetivo e, muitas vezes, restrito, e analisou um processo social básico. Strauss (1987) deslocou o método para a verificação [...]” (Charmaz, 2009a, p. 22). Como consequência dessas visões díspares, nasceram duas abordagens da *Grounded Theory*, a glaseriana ou clássica⁵ e a straussiana com Corbin⁶.

Com as suas perspectivas e abordagens, Glaser e Strauss influenciaram muitos pesquisadores pelo mundo, com variados interesses teóricos, além de terem formado uma nova geração de cientistas sociais que buscaram e buscaram colaborar com o avanço do pensamento acerca da *Grounded Theory*. Dentre esses pesquisadores, destacam-se Kathy Charmaz (2006 [edição brasileira 2009a e nova edição em inglês em 2014]), Anthony Bryant (2002, 2003), Adele Clarke (2003, 2005) e Clive Seale (1999). Especificamente, Charmaz desenvolveu implicações práticas para aplicar a *Grounded Theory* aos preceitos construtivistas.

Ela foi aluna de Glaser e orientanda de mestrado de Strauss. É conhecida mundialmente pelo desenvolvimento de sua proposta para a metodologia de seus mestres, denominada de *Grounded Theory* para o século XXI ou *Grounded Theory* Construtivista.

2. O raciocínio da *Grounded Theory* Construtivista

A abordagem de Charmaz figura, juntamente com a de Glaser e Strauss e Corbin, como a mais celebrada na contemporaneidade, tendo em vista a sua intensa conexão com as potencialidades dialógicas construtivistas para a edificação de teorias substantivas. A proposta de Charmaz (2009b) para a *Grounded Theory* é uma revisão con-

⁵ Glaser, em resposta ao livro de Strauss e Corbin, alinhou sua abordagem, cujos procedimentos operativos foram elucidados em *Doing Grounded Theory*, de 1998. Ele atualmente continua a promover a sua abordagem em recentes publicações e eventos acadêmicos em diversos países. Para informações sobre o seu percurso atual, recomenda-se a visita ao site do *Grounded Theory Institute*, disponível em: <<http://www.groundedtheory.com/>>. Acesso em: 05 dez. 2015.

⁶ Corbin continua a desenvolver tal viés mesmo após a morte de Strauss em 1996.

temporânea e um contínuo da linha original cunhada por Glaser e Strauss (1967) e Glaser (1978); assim, de certo modo a sua versão adota certas premissas, direções e ferramentas da versão clássica e difere de outras⁷.

Nesse sentido, ela esclarece que sua linha, assim como a original, “adota o indutivo, o comparativo, o emergente e a abordagem aberta para os dados da versão clássica de Glaser e Strauss [e] também inclui a lógica abduativa que Strauss enfatizou em [suas aulas], mas apenas a observou em seu texto de 1987” (Charmaz, 2009b, p. 137, tradução nossa).

No entanto, diferentemente da versão objetivista clássica, a linha da *Grounded Theory* de Charmaz, entre as suas características próprias, reconhece que as realidades e os fenômenos estudados são construções coletivas, que seus preceitos respondem fortemente à tradição interpretativa e afastam-se das bases objetivistas da abordagem de seus fundadores, especialmente Glaser. Segundo a autora, a metodologia *grounded*, fundamentalmente,

*serve como um modo de aprendizagem sobre os mundos que estudamos e como um método para a elaboração de teorias para compreendê-los. Nos trabalhos clássicos da teoria fundamentada, Glaser e Strauss falam sobre a descoberta da teoria como algo que surge dos dados, isolado do observador científico. Diferentemente da postura deles, compreendo que nem os dados nem as teorias são descobertos. Ao contrário, somos parte do mundo o qual estudamos e dos dados os quais coletamos. Nós construímos as nossas teorias fundamentadas por meio de nossos envolvimento e das nossas interações com as pessoas, as perspectivas e as práticas, tanto passados quanto presentes. Minha abordagem admite, de modo explícito, que qualquer versão teórica oferece um retrato **interpretativo** do mundo estudado, e não um quadro fiel dele (Charmaz, 2009a, p. 24-25, grifos da autora).*

Sob o enquadramento da *Grounded Theory* Construtivista, o proceder de suas investigações propõe um olhar atento ao movimento que parte do raciocínio indutivo ao abduativo. Isso porque de início a lógica metodológica da *Grounded Theory* era categorizada especificamente como indutiva, o que possibilitava diversas críticas à sua proposta, que muitas vezes era rotulada como um “conto de fadas epistemológico” (Bryant e Charmaz, 2007).

Com efeito, a indução passa de um significado particular a um mais geral, no contexto da Grounded Theory [...] ela implica a passagem de detalhes descritivos para o mais abstrato, nível conceitual. Um dos problemas com

a indução é que este tipo de raciocínio envolve um salto do particular para o geral e pode depender também de limitado número de casos individuais ou seleção idiossincrática (Bryant e Charmaz, 2007, p. 15, tradução nossa).

Como caminho para resolver tais problemáticas, de acordo ainda com Bryant e Charmaz (2007), os postulados da *Grounded Theory* indicam o uso da “amostragem teórica” (a ser discutida com mais atenção posteriormente) e a distinção entre teorias substantivas e formais, como já esclarecido. No entanto, é pelo retorno às orientações de Strauss sobre as bases do “pragmatismo americano e, especialmente, ao trabalho de Charles Sanders Peirce, que a natureza indutiva da *Grounded Theory* [...] é agora vista como somente parte da história: a ‘abdução’ desempenha um papel-chave” (Bryant e Charmaz, 2007, p. 16, tradução nossa) para a construção de teorias fundamentadas, pois sua lógica articula nas investigações os ângulos racional e imaginativo.

Para elucidar com mais profundidade o entendimento sobre o raciocínio abduativo, de modo geral, recorre-se às orientações de Lucia Santaella, que, baseada nos postulados de Peirce, explica:

[...] a abdução é um instinto racional (ver Santaella, 1991). É o resultado das conjecturas produzidas por nossa razão criativa. [...]. Desse modo, o novo é apreendido por nós através de nada mais nada menos do que a adivinhação. Entretanto, não é a adivinhação em si mesma, nem a hipótese que ela engendra que são instintivas, mas a capacidade humana de adivinhar a hipótese correta, justamente aquela que é capaz de explicar o fato surpreendente (Santaella, 2001, p. 120).

Plenamente alinhado aos preceitos da *Grounded Theory* e às elucidações de Santaella, Tarozzi também colabora com esta discussão ao pontuar que

a abdução, teorizada por Peirce (2005), retomando reflexões já presentes em Aristóteles, é um raciocínio rigoroso, mas probabilístico, que parte de uma premissa certa, mas é criativo e não tautológico, porque sua premissa menor é só provável. Nessa probabilidade, existe o espaço da descoberta do novo, do insondável, do não conhecido. Para que seja acionado esse pensamento é necessário um evento fortuito, um êxito inesperado, um episódio iluminador [...] (Tarozzi, 2011, p. 173).

Neste íterim, os resultados a serem construídos pelo realizar metodológico da *Grounded Theory* serão orientados, em síntese, por “um tipo de raciocínio que, sem deixar de ter forma lógica, tem um caráter instinti-

⁷ Para aprofundamentos sobre essa discussão ver Charmaz (2008, 2009a e 2009b) e Allen (2010).

vo e é, antes de tudo, um processo vivo de pensamento” (Santaella, 2001, p. 121).

Neste contexto, de acordo com o olhar de Roy Suddaby, também com base nas orientações de Peirce, a

abdução “é um processo de formar hipóteses explanatórias. Ela é apenas uma operação lógica que introduz alguma nova ideia” (Peirce, 1903, p. 216). A noção de abdução tem sido incorporada na Grounded Theory como ‘indução analítica’, o processo pelo qual um pesquisador movimenta-se entre a indução e a dedução enquanto pratica o método de comparação constante. [...] Strauss e Corbin [...] observaram que sempre que os pesquisadores conceitualizam os dados, eles estão engajados na dedução e que a Grounded Theory eficaz requer “uma interação entre indução e dedução (como em toda a ciência)” (1998, p. 137) (Suddaby, 2006, p. 639, tradução nossa).

Em suma, o movimento abduativo se desenvolverá pelo raciocínio que se inicia “com a análise dos dados e após o exame minucioso desses dados serão consideradas todas as explicações possíveis para os dados observados [...]” (Charmaz, 2009a, p. 249), elaborando-se hipóteses explanatórias. Neste contexto, Suddaby também alerta que, pelos seus preceitos ontológico e “epistemológico relativista” (Charmaz, 2009b, p. 129), as pesquisas em *Grounded Theory* “não deve[m] ser utilizada[s] para testar hipóteses sobre a realidade, mas para produzir declarações sobre como os atores interpretam a realidade” (Suddaby, 2006, p. 636, tradução nossa).

A lógica desse processo na *Grounded Theory* Construtivista foi explicada por Kathy Charmaz, durante a sua comunicação pessoal na *International Summer School in Qualitative Research Methods in Education*, que na sua quinta edição, em 2014, na Universidade de Trento (Itália), explorou o tema *Grounded Theory for Social Justice*. O autor deste artigo participou da organização deste evento, bem como de seus cursos, como parte de suas atividades de estágio de doutorado sanduíche no exterior (CAPES-PDSE), realizado na Itália, na Università degli Studi di Trento e na Università di Bologna, durante o período de janeiro a setembro de 2014, sob a orientação do professor Dr. Massimiliano Tarozzi.

Segundo Charmaz⁸, o processo do pensamento indutivo ao abduativo segue a seguinte orientação, que deve ser observada com flexibilidade e considerar sempre os participantes da pesquisa. Primeiro, inicia-se a investigação com um *raciocínio indutivo*, partindo para um *movimento comparativo* entre os dados fornecidos pelos participantes informantes (p. ex., homem x mulher; brancos x negros; solteiros x casados; diferenças etárias, etc.); posterior-

mente, deve ser considerada uma *ação iterativa*⁹, isto é, deve-se produzir um exercício que viabilize o movimento de ir e vir aos dados coletados e às fontes, seguindo assim para um *proceder iterativo* que possibilite a análise dos dados construídos em direção às respostas à questão definida para a investigação. Em consequência, busca-se a manifestação do *movimento abduativo*.

Enfim, diante desse movimento comparativo e iterativo, pode-se, em síntese, considerar que tais raciocínios na *Grounded Theory* são operados de modo dialógico. Isso porque o raciocínio indutivo se manifesta quando os dados produzidos conseguem movimentar os sentidos do pesquisador. Já o dedutivo, que também deve ser considerado no processo, realiza-se quando o pesquisador, ao ser impactado pela potencialidade dos dados, empreende esforços para conceitualizá-los, formulando hipóteses que direcionem o entendimento de tais dados produzidos na tentativa abduativa de construir uma formulação geral interpretativa do processo social em investigação.

3. Procedimentos e técnicas para construir uma *Grounded Theory*

A interpretação (e o processo) de Charmaz para a *Grounded Theory* advoga que o conhecimento é fruto de uma coconstrução entre o investigador e os indivíduos participantes da pesquisa. As teorias geradas devem partir de dados¹⁰ relevantes, que fornecerão subsídios sólidos para a construção de uma análise eloquente.

De acordo com ela, “os dados relevantes são detalhados, focados e completos. Eles revelam as opiniões, os sentimentos, as intenções e as ações dos participantes, bem como os contextos e as estruturas de suas vidas” (Charmaz, 2009a, p. 30).

Por exemplo, uma pesquisa em comunicação, mídia e consumo poderá utilizar dados produzidos e extraídos de entrevistas individuais em profundidade, semiestruturadas ou de estudos de caso aplicados em indivíduos nos seus mundos midiáticos ou, em outros termos, nos espaços de recepção de uma mensagem midiática (novela, publicidade, etc.).

⁹ Bryant e Charmaz esclarecem que é este “processo iterativo de voltar e avançar entre os dados empíricos e análises emergentes que torna a coleta de dados progressivamente mais focada e as análises sucessivamente mais teóricas” (2007, p. 1, tradução nossa).

¹⁰ Segundo Strauss e Corbin (2008, p. 66), “quando dizemos ‘dados’ queremos dizer entrevistas, notas de observações de campo, vídeos, [...], memorandos, manuais, catálogos e outras formas de materiais escritos e ilustrados (Silverman, 1993). Isolamos os dados e trabalhamos com fotos, palavras, frases, sentenças, parágrafos e outros segmentos de materiais”. Eugénia M. Fernandes e Ângela Maia (2001) agregam ainda os produtos da cultura da mídia como materiais para dar suporte à construção da teoria.

⁸ Tradução nossa.

Desse modo, tal estudo pode pretender, por exemplo, buscar compreender o que acontece com determinados indivíduos, em contextos e situações demarcados, quando da recepção dessas mensagens, considerando obviamente uma problematização inicial específica definida.

Com base nas possibilidades acima, recomenda-se que, mediante autorização dos informantes pesquisados, entrevistas sejam registradas, por exemplo, em áudio e depois transcritas para a identificação de dados que possam dar suporte aos direcionamentos para a construção de um quadro interpretativo sobre o problema de pesquisa elaborado.

Na proposta de Charmaz os dados não são coletados e descobertos, mas produzidos, gerados. De acordo com Tarozzi, os dados mais ricos que são usados “não são ‘fatos’, mas são sobretudo os significados que sujeitos especiais atribuem àqueles fatos. Em particular, são pesquisados os significados tácitos (*tacit meanings*) atribuídos aos fatos, eventos, relações, dos quais os mesmos sujeitos não têm consciência, mas que os guiam em suas ações” (Tarozzi, 2011, p. 52).

Contudo, cabe indagar: como iniciar a construção desses dados, já que a *Grounded Theory* não parte de hipóteses preestabelecidas nem de objetivos especificamente demarcados, mas sim de uma área de investigação complexa ou de uma problematização aberta e gerativa? Sabe-se que um problema de investigação orienta a utilização das técnicas e dos métodos necessários e condizentes para a extração e produção dos dados. No entanto, qual bagagem e direcionamento o pesquisador precisa ter para entrar no campo?

Essas questões são pertinentes, pois buscam principalmente esclarecer indicações na literatura sobre essa metodologia que sugerem, por exemplo, que o pesquisador entre no campo desprovido de todo e qualquer conhecimento acerca do seu objeto de pesquisa, assumindo, assim, uma postura preventiva para não forçar e contaminar os dados.

Esse ponto, como já introduzido anteriormente, é considerado um dos mais polêmicos e para muitos até ingênuo entre os preceitos fundantes da *Grounded Theory*. A sua recomendação basilar é para o pesquisador não entrar no campo alicerçado em “teorias já existentes e, sim, se fundamenta[r] a partir dos dados da própria cena social sem a pretensão de refutar ou provar o produto de seus achados, mas, sim, acrescentar outras/novas perspectivas para elucidar o objeto investigado” (Dantas *et al.*, 2009, p. 2). Atualmente essa orientação é vista como um equívoco de interpretação das discussões iniciais contidas na obra *The Discovery of Grounded Theory* (Glaser e Strauss, 1967).

Nesse sentido, Suddaby (2006, p. 634-635) elucida essa questão – e suas variantes –, vista por ele como um mito baseado em falsas premissas. Ele defende que a

Grounded Theory não deve ser desculpa para ignorar a literatura e o conhecimento prévio que um pesquisador tem sobre o tema de sua investigação. Strauss e Corbin também tentam corrigir esse mal-entendido, esclarecendo que ele se localiza especificamente no primeiro e no segundo capítulos da obra de Glaser e Strauss (1967), onde os autores

enfatazaram a indução devido a seu ataque às teorias especulativas não-fundamentadas. O desejo era focar a atenção dos leitores no valor inestimável das teorias fundamentadas para a análise sistemática dos dados. Porém, o livro também enfatizava a interação entre dados e pesquisador, ou seja, os dados em si e a interpretação de significado do pesquisador. Como nenhum pesquisador entra no processo de pesquisa com a mente completamente limpa e vazia, as interpretações são abstrações do pesquisador sobre o que há nos dados. Essas interpretações, que assumem a forma de conceitos e de relações, são continuamente validadas por meio de comparações com novos dados. Os resultados são então validados por meio de comparações com novos dados (Strauss e Corbin, 2008, p. 274).

Esse ponto nevrálgico, esclarecido acima, torna-se ultrapassado na perspectiva da metodologia de Kathy Charmaz, a qual se retoma neste ponto, para, à sua luz, buscar responder as questões lançadas em relação às coordenadas sobre como iniciar a construção dos dados na investigação dessa vertente.

Primeiramente, Charmaz reconhece que, antes de iniciar um projeto de pesquisa, tanto os investigadores profissionais quanto muitos estudantes de pós-graduação já possuem um repertório consolidado das suas respectivas áreas, além de muitos desses indivíduos, provavelmente, também possuírem certa intimidade com o tema da investigação e com o seu respectivo referencial teórico. Desse modo, com equilíbrio e ética, “podemos iniciar nossos estudos a partir dessas perspectivas privilegiadas, mas precisamos permanecer o mais aberto possível a tudo o que vemos e sentimos nas etapas iniciais da pesquisa” (Charmaz, 2009a, p. 34).

Segundo, reforçando a resposta da indagação sobre o início do trabalho empírico, ela dá relevo a outro ponto-chave, denominado “conceitos sensibilizantes”. Este conceito é extraído do arcabouço teórico do interacionismo simbólico, especialmente, das teorias de Herbert Blumer (1954; 1969).

Blumer esclarece os conceitos sensibilizantes em contraste com os conceitos definitivos, pontuando que

um conceito definitivo se refere precisamente ao que é comum a uma categoria de objetos, com o auxílio de

uma definição clara em termos de atributos ou pontos de referências fixos [...]. Um conceito sensibilizante necessita de tais especificações de atributos ou pontos de referências e, conseqüentemente, ele não permite ao pesquisador deslocar-se diretamente à circunstância e a seu conteúdo relevante. Em vez disso, fornece ao pesquisador uma noção geral de senso de referência e orientação para abordar casos empíricos. Ao passo que os conceitos definitivos fornecem prescrições sobre o que ver, os conceitos sensibilizantes apenas sugerem caminhos sobre o que olhar (Blumer, 1954, p. 7, tradução nossa).

Nessa linha, considerando a *Grounded Theory*, Tarozzi (2011, p. 64) também explana a respeito, orientando que esse conceito de Blumer deve ser considerado a base de ideias sobre a qual se polarizam os problemas da investigação. Bowen (2006) também ratifica que tais conceitos são abertos e devem guiar os pesquisadores sem forçar os dados dentro de caixas sociológicas fechadas. Logo, o pesquisador não precisa necessariamente iniciar a sua pesquisa em *grounded* com uma pergunta, mas deve buscar basear-se em conceitos sensibilizantes e nos seus “interesses pessoais e disciplinares” (Tarozzi, 2011, p. 56).

Nas discussões sobre os procedimentos da *Grounded Theory* Construtivista, com o início do exercício da coleta de dados ou, como Charmaz prefere denominar, “etapa de construção de dados”, destaca-se que paralelamente a esse proceder inicial também devem ser realizadas análises e codificações dos dados produzidos.

A codificação nessa metodologia precisa ser entendida para além de

um começo; ela define a estrutura analítica a partir da qual você constrói a análise. [...] A codificação é o elo fundamental entre a coleta de dados e o desenvolvimento de uma teoria emergente para explicar esses dados. Pela codificação, você define o que ocorre nos dados e começa a debater-se com o que isso significa (Charmaz, 2009a, p. 70).

Desse modo, é com base nesta elucidação que se buscará neste ponto discorrer, de modo instrumental, sobre as principais etapas da metodologia, principalmente, no que se refere às suas codificações e às três principais características que, segundo Jane Hood (2007), diferenciam-na de outras metodologias de pesquisa, a saber: a amostra teórica; a constante comparação dos dados às categorias teóricas; e a focalização no desenvolvimento de teoria via saturação teórica de categorias substantivas em vez de resultados objetivistas.

Segundo Bryant e Charmaz (2007), Hood denomina essas três últimas características de *Troublesome Trinity* (Triade Problemática) da metodologia, pois, de acordo

com Hood, se de um lado tais características são consideradas as “propriedades essenciais da *Grounded Theory*”, por outro, elas também centralizam as maiores dificuldades de entendimento e aplicação da metodologia pelos investigadores.

Enfim, seguindo as orientações de Charmaz, o processo de construção da *Grounded Theory* se inicia pela questão norteadora (e/ou pelos conceitos sensibilizantes), que deve apoiar e orientar o acesso ao campo, bem como a construção de dados da investigação. A questão norteadora pode ser revelada pela resposta à clássica questão formulada por Glaser (1978): “What’s going on here?” (O que está acontecendo aqui?). Charmaz valida que essa indagação realizada pelo pesquisador como orientação nas reflexões iniciais é fundamental, para todas as vertentes da *Grounded Theory*, a fim de gerar “a observação daquilo que esteja acontecendo em quaisquer dos dois níveis: – Quais são os processos sociais básicos? – Quais são os processos psicossociais básicos?” (Charmaz, 2009a, p. 38).

Resumidamente, com a definição da questão gerativa da pesquisa e suas indagações iniciais, parte-se para o campo para a construção conjunta dos dados relevantes, mediante o uso de técnicas individuais ou conjuntas como entrevistas em profundidade, observação, análise documental, etc. É a partir da produção do primeiro conjunto de dados que se inicia o processo de análise e codificação na *Grounded Theory*. Por exemplo, quando se realiza a primeira entrevista em profundidade e a transcrição *verbatim* desta, o processo analítico dos dados já deve estar estabelecido.

É cabível também frisar que a literatura indica que não é pertinente coletar todos os dados e, somente depois, iniciar as etapas de codificação e análises. Esses processos devem ocorrer simultaneamente, privilegiando sempre o retorno e a comparação entre os dados na busca de edificar informações relevantes. Esse proceder é basililar para que uma investigação seja caracterizada como *Grounded*.

Com os esclarecimentos supracitados parte-se agora para o detalhamento dos procedimentos de produção de dados e da dinâmica da codificação destes para se tentar revelar os processos¹¹ que transversalizam uma investigação em *Grounded Theory*. No entanto, antes é apropriado esclarecer que a amostra substancial em pesquisa *Grounded* é teórica, ou seja, é aquela que

visa a buscar dados pertinentes para desenvolver a sua teoria emergente. O principal objetivo da amostragem teórica é elaborar categorias que constituem a sua teoria. Você conduz a amostragem teórica ao utilizar a amostra para desenvolver as propriedades da(s) sua(s) categoria(s)

¹¹ “Um processo é constituído por sequências temporais reveladas que podem apresentar limites identificáveis com inícios e finais claros e marcas de referência entre eles” (Charmaz, 2009a, p. 24).

até que não surjam mais propriedades novas. Assim, você satura as suas categorias com dados e, conseqüentemente, as classifica e representa graficamente para que integrem a sua teoria emergente (Charmaz, 2009a, p. 135. grifos da autora).

Isso porque o foco não está no indivíduo, mas em suas ações, experiências, eventos e questões, ou seja, nos dados a serem fornecidos para a construção da teoria substantiva. Logo, nessa metodologia observam-se dois vieses de amostragem que se complementam: a *amostra inicial*, que delibera sobre a participação e o perfil de indivíduos e locais, os quais subsidiarão o início da pesquisa; e a *amostra teórica*, que orienta os caminhos conceituais a serem explorados até a conquista suficiente de dados que apoiem a explicação de suas categorias, resultando assim na “saturação teórica” das categorias produzidas ou, como prefere Ian Dey (1999), na conquista da “suficiência teórica” (Charmaz, 2009a, p. 158).

Ao considerarem os procedimentos da amostragem teórica, Pinto e Santos destacam que a sua prática “deve começar apenas quando o pesquisador já definiu e conceituou algumas categorias preliminares relevantes que se mostrem dignas de serem desenvolvidas e colocadas à prova com novos dados” (Pinto e Santos, 2012, p. 422).

Na proposta de Charmaz para a *Grounded Theory* são indicadas três principais codificações: a inicial, a focalizada e a teórica. A codificação inicial se fixa com rigor aos dados, considerando as ações em cada segmento desses em vez de aplicar categorias preexistentes. De acordo com a autora, durante essa codificação o pesquisador deve se questionar: “Esses dados representam o estudo de quê? (Glaser, 1978, p. 57). O que os dados sugerem ou afirmam? Do ponto de vista de quem? Qual categoria teórica esse dado específico indica? (Glaser, 1978)” (Charmaz, 2009a, p. 74).

As principais estratégias práticas de codificação inicial são a “palavra por palavra”, “linha a linha” ou “incidente por incidente”. Ao longo desse processo, intensas expressões, manifestadas pelos informantes entrevistados, podem ser agregadas potencialmente à teoria de modo literal. Tais expressões são denominadas de códigos *in vivo*.

A segunda fase do processo é a codificação focalizada. Nessa etapa os códigos são mais direcionados e seletivos que os da etapa inicial. Para o seu realizar são utilizados os códigos iniciais mais significativos e/ou frequentes para analisar minuciosamente grandes quantidades de dados. Essa codificação exige tomada de decisão sobre quais dados permitem uma compreensão analítica melhor para categorizar os outros dados de modo pleno. De outra forma, nessa etapa se definem quais dados têm a potencialidade de se coadunar com outros formando, assim, uma categoria.

Por fim, a terceira etapa é a da codificação teórica. Trata-se de um nível sofisticado de codificação que segue os códigos selecionados na codificação focalizada. Charmaz esclarece que os códigos teóricos produzidos nesse ponto do processo

são integrativos; eles dão um contorno aos códigos focais [...]. Esses códigos podem ajudá-lo a contar uma história analítica de forma coerente. Por isso, esses códigos não apenas conceituam o modo como os seus códigos essenciais estão relacionados, mas também alteram a sua história analítica para uma orientação teórica (2009a, p. 94).

É nesta etapa que, segundo Tarozzi (2011, p. 154), a construção das categorias alcança plenitude e “a teorização procede para a identificação das categorias centrais, os conceitos-chave em torno dos quais se organizará a teoria”. Ainda nesta dinâmica, parte-se posteriormente, enfim, para a etapa de classificação teórica dessas categorias, com o objetivo de encontrar a *core category*, ou seja, a categoria principal que tenha a potencialidade de “integrar a teoria e desenvolvê-la em torno de seus eixos conceituais, emersos empiricamente”. Ainda de acordo com Tarozzi, a *core category*

é densa, saturada, integra a teoria, é completa, relevante e funciona. Para encontrá-la são úteis dispositivos como diagramas e narrações da história da pesquisa, que possam oferecer uma leitura integrada dos conceitos expressos pelas várias categorias até então muito fragmentadas (Tarozzi, 2011, p. 81).

Neste ponto, com a identificação desta categoria central, é viável a produção da representação gráfica (com diagramas ou mapas situacionais¹²) da teoria *grounded* que ilustre a sua integração. Neste momento, indiscutivelmente, os memorandos que devem ser redigidos ao longo do processo de construção de dados serão fundamentais para apoiar a integração e o relato dos esquemas conceituais a serem construídos, bem como direcionar a redação final da teoria emersa. O retorno à literatura que dê suporte a conexões, estimule interpretações e desdobramentos conceituais acerca das perspectivas construídas pela *Grounded Theory* pode também ocorrer com mais densidade neste momento.

O processo de transformação dos dados em códigos, por exemplo, pode, como já se indicou, utilizar como base as transcrições de gravações de entrevistas com os

12 Segundo Charmaz, eles “revelam situações e processos (Clarke, 2003; 2005). Os mapas conceituais conseguem representar a força relativa ou a fragilidade das relações” (Charmaz, 2009a, p. 163) construídas na *Grounded Theory*.

informantes da pesquisa, bem como notas de campo, etc. Como suporte e para colaborar com o gerenciamento e a manipulação dos dados coletados, recomenda-se, se possível, o uso de *softwares* que deem suporte à codificação, organização e armazenagem dos dados, bem como a construção de diagramas e mapas conceituais.

A literatura recomenda principalmente dois *softwares* para pesquisas em *Grounded Theory*, a saber: Atlas.ti, indicado por Strauss e Corbin (2008), e o Nvivo, indicado por Tarozzi (2011) como o *software* mais avançado para dar suporte às pesquisas em *Grounded Theory* na atualidade.

As etapas da *Grounded Theory* não são lineares, mas foram organizadas dessa forma para melhor compreensão de sua dinâmica e estrutura. Ressalta-se que, ao longo da construção dos dados, é imprescindível a elaboração de memorandos iniciais de expressão mais livre e, posteriormente, teóricos e mais densos. Os memorandos (ou *memos*) têm a função de registrar as observações e as percepções do pesquisador ao longo da produção de dados; organizar discussões prévias de potencialidades de códigos relevantes, que possam ser elevados à condição de categorias conceituais da pesquisa, entre outras proposições.

De início, na etapa de codificação inicial, esses documentos descritivos devem ser mais abstratos e, à medida que os níveis de codificação evoluem, mais teóricos. Os memorandos possibilitam ao pesquisador “questionar os dados, mapear a teoria emergente, clarificar e relacionar conceitos, em suma, eles são o suporte dinâmico da teoria em construção” (Santos e Luz, 2011, p. 14). Os *memos*, geralmente, são escritos para apoiar o investigador nas suas reflexões sobre a teoria em construção e não para serem divulgados; portanto, eles devem ser produções livres.

Considerações finais

Entre as metodologias qualitativas (etnografia, fenomenologia, pesquisa narrativa, etc.), a *Grounded Theory* destaca-se pela sua proposta de gerar teorias substantivas de processos psicossociais e sociais determinados mediante o proceder sistemático de análises comparativas. Desse modo, acredita-se que o seu conjunto de procedimentos e técnicas possa contribuir de modo profícuo com os estudos no campo da comunicação, mídia e consumo, que geralmente buscam explorar uma agenda sobre as repercussões que as narrativas da cultura da mídia podem operar nos indivíduos e nas mediações sociais.

Enfim, buscou-se neste trabalho demonstrar as potencialidades que esse caminho investigativo pode oferecer para investigações que procurem explorar processos sociais e psicossociais, principalmente mediante a sua abordagem construtivista, tendo em vista os seus preceitos,

que, com base no interacionismo simbólico, valorizam fortemente o processo de interações e trocas entre o pesquisador e o pesquisado para as construções interpretativas pautadas nas experiências sociais.

Referências

- ALLEN, L.M. 2010. A critique of four grounded theory texts. *The Qualitative Report*, **15**(6):1.606-1.620, Nov. Disponível em: <<http://www.nova.edu/ssss/QR/QR15-6/allen.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2015.
- BIANCHI, E.M.P.G.; IKEDA, A.A. 2008. Usos e aplicações da grounded theory em administração. *Gestão.org: Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, Universidade Federal de Pernambuco, **6**(2):231-248.
- BLUMER, H. 1986. *Symbolic interactionism: perspective and method*. Berkeley, CA, University of California Press. (Trabalho original publicado em 1969).
- BLUMER, H. 1954. What is wrong with social theory? *American Sociological Review*, **18**:3-10. Disponível em: <http://www.brocksu.ca/MeadProject/Blumer/Blumer_1954.html>. Acesso em: 22 fev. 2015.
- BOWEN, G.A. 2006. Grounded theory and sensitizing concepts. *International Journal of Qualitative Methods*, **5**(3):1-9, Sept.
- BRYANT, A. 2002. Re-grounding grounded theory. *Journal of Information Technology Theory and Application*, **4**(1):25-42.
- BRYANT, A. 2003. A constructive/ist response to Glaser. *Forum Qualitative Social Research*, **4**(i):1-7. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/757/1643>>. Acesso em: 22 mar. 2015.
- BRYANT, A.; CHARMAZ, K. (Eds.). 2007. *The SAGE handbook of Grounded Theory*. London, SAGE.
- CHARMAZ, K. 2009a. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Trad. de Joice Elias Costa. Porto Alegre, Artmed.
- CHARMAZ, K. 2009b. Shifting the grounds: Constructivist Grounded Theory method. In: J.M. MORSE (Org.). *Developing of the Grounded Theory: the second generation*. New York, Left Coast Press, p. 127-193.
- CHARMAZ, K. [2006] 2014. *Constructing Grounded Theory: a practical guide through qualitative analysis*. 2ª ed. London, Sage.
- CHARMAZ, K. 2008. Grounded theory in the 21st century: applications for advancing social justice studies. In: Norman K. DENZIN, Yvonna S. LINCOLN (Org.), *Strategies of qualitative inquiry*. Thousand Oaks, CA, Sage, p. 203-241.
- CHARMAZ, K. 1995. Grounded theory. In: Jonathan A. SMITH, Rom HARRÉ, Luk VAN LANGENHOVE, *Rethinking methods in psychology*. London, Sage Publications, p. 27-49.
- CLARKE, A.E. 2003. Situational analysis: grounded theory mapping after the postmodern turn. *Symbolic Interaction*, **26**:553-576.
- CLARKE, A.E. 2005. *Situational analysis: grounded theory after the postmodern turn*. Thousand Oaks, CA, Sage.
- DANTAS, C. de C. et al. 2009. Teoria fundamentada nos dados – aspectos conceituais e operacionais: metodologia possível de ser aplicada na pesquisa em enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, **17**(4):573-579, ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000400021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 mar. 2015.

- DEY, I. 1999. *Grounding grounded theory: guidelines for qualitative inquiry*. San Diego, CA, Academic Press.
- FERNANDES, E.; MAIA, A. 2001. Grounded Theory. In: M. Eugénia FERNANDES, L. ALMEIDA (Eds.), *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga, Universidade do Minho, p. 49-76.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. 1967. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago/New York, Aldine de Gruyter.
- GLASER, B. 2001. *The grounded theory perspective: conceptualization contrasted with description*. Mill Valley, CA, Sociology Press.
- GLASER, B. 1998. *Doing grounded theory: issues and discussions*. Mill Valley, CA, Sociology Press.
- GLASER, B. 1991. *Basics of grounded theory analysis*. Mill Valley, CA, Sociology Press.
- GLASER, B. 1978. *Theoretical sensitivity*. Mill Valley, CA, Sociology Press.
- GOBO, G. 2005. The renaissance of qualitative methods [22 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [On-line Journal], 6(3): Art. 42, September. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/3-05/05-3-42-e.htm>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- HOOD, J. C. 2007. Orthodoxy vs. power: the defining traits of Grounded Theory. In: Anthony BRYANT; Kathy CHARMAZ (Eds.), *The SAGE handbook of Grounded Theory*. London, SAGE, p. 151-164.
- HUTCHINSON, S. 1998. Education and grounded theory. In: Robert R. SHERMAN, Rodman D. WEBB, *Qualitative research in education: focus and method*. London, Falmer Press, p. 123-140.
- HUTCHINSON, S. *Espíritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social*. Barcelona, Paidós, 1982. (Trabalho original publicado em 1934).
- MORGAN, G. 1980. Paradigms, metaphors, and puzzle solving in organization theory. *Administrative Science Quarterly*, 25(4):605-622.
- MORGAN, G.; SMIRCICH, L. 1980. The case of qualitative research. *Academy of Management Review*, 5:491-500.
- MORSE, J.M. (Org.). 2009. *Developing of the Grounded Theory: the second generation*. New York, Left Coast Press.
- PINTO, M. de R.; SANTOS, L.L. da S. 2012. A grounded theory como abordagem metodológica: relatos de uma experiência de campo. *Organizações & Sociedade*, Salvador, 19(62):417-436, jul./set. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302012000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2015.
- SANTAELLA, L. 2001. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo, Hacker Editores.
- SANTOS, M.I.M.P.; LUZ, E. 2011. Grounded theory segundo Charmaz: experiências de utilização do método. *Infiresources*, p. 1-20, set. Disponível em: <http://www.infiresources.ca/MyScriptorAdmin/scripto.asp?resultat=462761>. Acesso em: 22 mar. 2015.
- SEALE, C. 1999. *The quality of qualitative research*. London, Sage.
- SILVERMAN, D. 1993. *Interpreting qualitative data: methods for analysing talk, text and interaction*. London, Sage.
- STERN, P.N. 2009. In the beginning Glaser and Strauss created Grounded Theory. In: J.M. MORSE (Org.), *Developing of the Grounded Theory: the second generation*. New York, Left Coast Press, p. 24-34.
- STRAUSS, A.L. 1987. *Qualitative analysis for social scientists*. New York, Cambridge University Press.
- STRAUSS, A.L.; CORBIN, J. 1990. *Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques*. London, Sage Publications.
- STRAUSS, A.L.; CORBIN, J. 2008. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Trad. de Luciane de Oliveira da Rocha. 2ª ed., Porto Alegre, Artmed.
- SUDDABY, R. 2006. From the editors: what grounded theory is not. *Academy of Management Journal*, 49(4):633-642.
- TAROZZI, M. 2011. *O que é grounded theory? Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados*. Trad. de Carmen Lus-si. Petrópolis, RJ, Vozes.

Artigo submetido em 17-06-2015
Aceito em 04-02-2016